

MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

CULTO À SCIEENCIA.

NUM. 3.

S. PAULO.—SABBADO 30 DE JULHO.

1859.

DIREITO PUBLICO.

ALGUMAS IDÉAS SOBRE A LIBERDADE POLITICA.

(Continuação.)

Chegamos á sociedade constituída, á antinomia d'essa primitividade feliz do homem.

Até aqui temos acompanhado e apreciado o homem debaixo de muitos pontos de vista, porém relativamente a seu estado não constituído, ou ainda não tendo posto em pratica, seus direitos e acções.—Agora pois concentremo-nos mais exclusivamente sobre o objecto de nosso ligeiro estudo.—O homem reconhece a necessidade immediatamente partida de sua natureza de viver em sociedade, e o *pacto social* adherido pela humanidade inteira veio sancionar a importancia d'essa realidade.—E o estado actual do homem seria meramente preferido por um espirito de innovação, ou haverá uma outra rasão justificativa d'essa transição? O pacto social, expressão da vontade universal, não poderia tender á um fim que immediatamente não fosse por utilidade e conveniencia d'aquelles que o adherirão; por tanto é claro que, se o homem não tem em vista senão a consecução de sua felicidade, de har-

monia com a felicidade de todos, que commungão a mesma idéa na sociedade, onde, para mais garantia e segurança, depôz uma certa porção do exercicio de sua liberdade, elle não consentirá que se lhe opponha entraves á realisação de seu fim; porque em si encerra os meios unicos e necessarios para fazer lembrar a sanctidade de seu juramento, que deverá sempre ser consagrado na unanimidade dos povos.

O homem, havendo entrado em sociedade voluntariamente, consentio que se restringisse essa porção do exercicio da liberdade politica.— Escolheo um chefe, que como elemento conservador e garantidor do exercicio d'essa liberdade, e do complexo de seus direitos politicos, exercendo um cargo d'uma cathegoria igual ao da consciencia, ao qual tudo recorre, mas em uma esphera tambem limitada, porque todos tem o caracteristico da humanidade, assim esse, que, aparentemente reveste-se de tantos poderes, rigorosamente deve ser collocado na mesma relação de igualdade, porque a igualdade é outro caracteristico da humanidade, nunca deverá perder de vista as obrigações correspondentes de cada individuo; elle pelo contrario deverá ser responsavel pela felicidade publica; uma vez que elle é o delegado da Nação, e por isso revestido de todos os poderes ne-

cessarios para a realisação do destino da mesma Nação.

Já temos mais d'uma vez fallado da liberdade humana, assim como de seu character especial na sociedade.—E' este o ponto mais importante e aquelle para o qual devem convergir todas as nossas forças afim de que possamos mais frisantemente demonstrar o distinctivo mais bello do homem, mas que por um escarneo lançado ás gerações tem sido vilmente calcado aos pés de tyranos monarchas. Se compulsarmos as paginas da Historia não veremos em tempo algum consagrada a pratica d'esse idealismo, porque as Nações, (coitadas!) que ainda dormitando infantilmente no berço da civilisação, crêrão na sordida hypresia dos reis, mais cedo provárão o ferro ignominioso do despotismo, e da escravidão.—Nunca os reis respeitárão os direitos de cidadãos, e nunca o farão, se as utopias de Platão não deixarem de o ser.—E' a verdade sanctificada pelos factos successivos e constantes para lição ás gerações futuras.

Respeitar os direitos individuaes, prestar seu apoio para aperfeiçoamento da Nação, são para elles expressões synonymas do poderio e absolutismo, são incentivos de despotismo e tyrannia.—A liberdade politica, relativa, como se exprime Le-page, na sciencia de direito, porque é aquella, que resta da convenção social, é um dos caracteres mais salientes de uma Constituição, que exige a mais séria attenção para a realisação d'esse poder; portanto é na mesma Constituição d'um paiz, onde se deve encontrar as garantias necessarias—a consagração ampla da liberdade politica de um povo; porque se uma Constituição reconhece necessaria a restricção das liberda-

des individuaes para a manutenção da ordem publica social, se reconhece mais o sacrificio indispensavel d'essa mutilação, que soffrem os individuos, tambem nunca deverá desconhecer que o homem tomando esse character civil, e privando-se espontaneamente do goso innocente de sua liberdade, vive em descontentamento quando elle não enxerga a necessidade d'essa privação e quando por sua vez reconhece que a Constituição tem traçado um circulo mais limitado do que aquelle que mais identificava-se com as circumstancias d'essas actualidades.

E é sem duvida aqui onde está todo perigo, que constantemente ameaça aos direitos individuaes.—E' n'esse estado restrictivo, ou liberal, onde se inocular o elemento destructivo, é n'essa posição critica das Nações, onde não apparecendo uma mão providencial, que torne effectiva uma consiliação possivel entre os elementos desharmonicos, que surge da massa popular um d'esses genios mysteriosos reclamando a soberania do povo, de há muito esquecida nas banaes orgias dos Reis, cujos thronos promiscuamente salpicados de sangue e vinho attestão o poderio, e a immoralidade.

Por tanto temos que se os delegados d'um povo não procurarem aquellas couzas, que pódem melhorar o estado oppressivo d'elle, e remover os obices todos que impedem sua marcha harmonica e progressiva na sociedade que este mesmo povo desconhecendo as auctoridades, que elle proprio havia revestido d'esse character, desperte d'esse horrivel pesadêlo, reconheça a incompatibilidade d'esse estado com o de sua natureza, e proclame impavido sua regeneração politica.

A universalidade quasi de todos

os publicistas reconhece a soberania popular, elle é pois quem reveste a seus mandatarios de poderes, da vontade d'elle é expressa uma Constituição; logo o povo é o unico soberano, elle é o unico poderoso, porque—*nemo dat quod non habet*. Mas perguntamos: em quantas Nações, d'essas chamadas civilizadas, encontraremos a realidade da soberania popular? Onde encontraremos a realisação d'aquillo, para o que os homens constituirão-se em sociedades? A historia, o écho do mundo não dá-nos uma resposta plausivelmente satisfatoria.—Os tyrannos dos povos são leões famintos e sedentos de sangue, e as Nações pobres prêzas, aviltadas pelo escarneo d'esses monstros, e por suas garras estranguladas.—Dizemos a soberania está no povo, as Constituições não são senão a expressão da vontade geral; logo todos os phenomenos, resultantes da vontade do povo deverião sempre conformar-se com a mesma; deverião porque a vontade que é cauza geral, o effeito participando da natureza da causa—tambem deveria ser geral, isto é, se as Constituições e as leis ordinarias são expressões da vontade geral deverião do mesmo modo ser applicadas á todos, abrangendo a Nação inteira.—Entretanto vemos o contrario, quando em sua execução diz respeito á fracções, e não á totalidade da nação, quer seja favoravel, ou desfavoravel a lei, logo vê-se que é mui *bello* e facil sustentar-se nas discussões parlamentares a soberania popular, mas é fazendo uma abstracção dos factos puramente historicos, e cerrando uma venda aos olhos para não encherger á indenticos contemporaneos.

Temos pois claramente demonstrado quaes os perigos que ameação e ameaçarão sempre ás monarchias cons-

titucionaes, quando o estado não ministre as garantias necessarias aos direitos politicos individuaes, ou quando seus mandatarios por incapacidade ou abuzo não restringindo-se á esphéra limitada de suas attribuições transgrida-a para tyrannicamente despojar o povo de sua soberania.

Assim concluiremos, que todas as nações amantes do progresso e da civilisação nunca chegarão a este—*desideratum*—senão quando á proporção que ellas fôrem caminhando na senda da civilisação, e fôrem expandindo seus elementos de perfectibilidade, seus representantes responsaveis pelas obrigações contrahidas com essa collectividade democratica, vão reconhecendo tambem os ultimos traços d'essa limitação voluntaria, isto é, relativamente ao exercicio de seus direitos e n'esta vicissitude continúe o povo até raiar o dia feliz de sua regeneração politica, hoje ainda envolta em nuvens mysteriosas; mas embora essas nuvens condensadas serão pouco á pouco dispersadas com as éras seculares por outro sól mais bello—elle—fecundará outros genios mais felizes na melancolia da vida.

FIM.

TEMPOS COLONIAES.

A INCONFIDENCIA DE MINAS.

Foi este o *crysm*a que se deu á primeira tentativa revolucionaria em pról da liberdade Brasileira; foi este o nome que recebeu o primeiro brado de um povo que comprehende que a servidão de tres seculos já era uma mancha bem aviltante na vida de um paiz, cujos destinos a natureza parecia mostrar tão grandiosos quanto era ella imponente e sublime.

—A Inconfidencia de Minas — marca a

era de reacção contra um passado vergonhoso, onde o despotismo se endoesára; precursôra do 7 de Setembro, ella morreo em embryão, apesar da fé robusta de seus Apostolos, do heroismo de seus chefes, da santidade de seu fim; era porque uma estrella má presidira ao seu nascimento, era porque a Providencia reservára para melhores tempos a emancipação Brasileira.

O martyrio que compartilharão os herôes deste drama, coroou-os com uma aureola bem gloriosa para resistir á esponja estragadora do tempo; se elle não mereceo da patria pomposos monumentos, a sua lembrança vive gravada no coração de um povo inteiro, e está ali a geração presente para lançar o anathema contra o governo de Lisboa.

O theatro do drama não podia ser melhor escolhido; foi na rica provincia de Minas, onde a abundancia do ouro mais esfaimava esse abutre que se chamava Portugal.

Ha uma relação qualquer entre Minas e a Suissa: Tiradentes, o valente soldado, o chefe infatigavel, o denodado cruzado recorda-nos o restaurador da Helvecia, Guilherme Tell; a differença que existe entre elles é que um teve por exercito toda uma Nacionalidade, e o outro contou de menos um soldado e de mais um delator.

Da mesma sorte Melchtal, Stanfacher e Walter-Furst — jurando no Rutli a liberdade suissa nos lembra a trindade poetica, Gonzaga, Alvarenga, e Claudio Manoel, tramando contra a metropole nas dominadoras e pittorescas posições de Villa Rica, nesse paiz montanhoso, onde o Itaculumi erguendo-se até ás nuvens, parecia mostrar-lhes o céo, isto é, Deos e a liberdade, que lhes extorquia a avareza de um reino decahido.

Já as colonias da Gram-Bretanha tinham-se insurgido ao grito de alarma dado pela impetuosa mocidade de Boston; já a capitulação de Cornwallio tinha terminado uma lucta em que de uma parte os intrepidos Yankees combatião pelos seus direitos, pela sua soberania, pelas suas idéas, e de outra a poderosa Albion embalde forcejava conter na jaula o leão que ameaçava transpôr o oceano para ir lavar-lhe no sangue as affrontas de um longo captiveiro.

Sobre as ruinas do exercito Inglez tinha-se erguido um pharol que inundou de luz o Novo Mundo, convidando-o á batalhar também pela sua Independencia—; a Hespanha e Portugal devião desde então contar suas colonias por perdidas.

Ao mesmo tempo, além do Atlantico, a França sentia a invasão das novas idéas abalar os espiritos, agitar as consciencias, e minar o antigo edificio gothico de sua organização politica; era o seculo moribundo, preparando um tumulto de sangue d'onde surgisse livre o seculo dezenove; era o rumor surdo que presagia os grandes cataclysmas, annunciando á Europa que cedo o carro do progresso voaria rapido através de mil obices, fosse necessario entre mil exterminios abater-se uma realesa, cercada de prestigios, e a nobreza heroica que a escudava, ou fosse preciso a linda cabeça de Maria Antonietta pender livida nas escadas do patibulo. O Brasil não roubou-se ao estremecimento electrico que agitou a humanidade; esses factos na civilização moderna não lhe fôrão alheios por mais densa que fosse a sombra, projectada sobre elle pelo despotismo.

Quiz por tanto insurgir--se. Que beneficios recebia elle da metropole? O que era Portugal?

Pobres Ilotas, os nossos paes devião conquistar o terreno ás flechas dos indigenas, ás sanhas dos estrangeiros, e arrancar das profundezas do sólo ignotos thesouros para alimentar o fausto de uma côrte sem glorias: e nenhuma lei; nenhum melhora-mento em favor dos miseros colonos: o seu governo estava confiado ao arbitrio de pequenos pachás, instituidos pelo poder de um autocrata, que em tudo, em toda a parte achava sempre um imposto a estabelecer.

As leis prohibião expressamente toda a industria que não fosse tão rude quanto o era o jugo portuguez: a instrucção só a ião pedir á velha Europa as primeiras pessoas do paiz; e o commercio, esse era um monopolio dos senhores: o Brasil, condemnado a um isolamento selvagem, tinha os seus magnificos ancoradouros fechados ás nações estrangeiras! E em lugar de dar á colonia um trabalho livre, Portugal, a quem pertence a gloriosa iniciativa do tra-

fico de carne humana, estabeleceu contra a Africa e o Brasil uma corrente de hordas barbaras, que trazião da Lybia o grosseiro de seus costumes, o selvagem de sua linguagem, o grosseiro de suas superstições!

Vivião pois os nossos paes, sem direitos, cheios de impostos, verdadeiros Chandalas: era impossivel que não tentassem libertar-se do poder de uma metropole sem grandeza. Bem longe fôra o tempo das glorias Lusitanas; as quinas estavam de rojo: Portugal do Salado e de Aljubarrota, o reino de D. Manoel, a Phenicia dos Gamas e dos Barthelomeos Dias tinha-se sepultado de envolta com o cadaver de D. Sebastião nas areias de Alcacer-Quibir, e das memorias gloriosas do passado só restava a sublime epopeia do poeta-mendigo. O tratado de Methuen fôra o lençol que mais tarde amortalhára esse vasto cadaver, transformado em um feudo Anglo-Bretão. Quanto devêra tremer a mão que assignou semelhante sentença!

Filha da oppressão em geral e em particular das tyrannias exercidas pelo Governador Cunha e Menezes, nascêo então a — Inconfidencia de Minas —, a cuja frente se achava o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, denominado o — Tiradentes. —

A conspiração que medrara consideravelmente com a chegada a Minas do Dr. José Alves Maciel, contava grande numero de partidarios tanto na comarca de Villa Rica como nas do Serro e S. João d'El-Rei.

As pessoas distinctas do paiz, os homens de letras e de importancia tinhão-se reunido a ella; entre outros merecem especial menção o poeta Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do primeiro regimento de auxiliares da campanha do Rio Verde, o advogado Claudio Manoel da Costa, o muito conhecido desembargador Thomáz Antonio Gonzaga, e Francisco de Paula Freire de Andrade, tenente coronel commandante do regimento de linha de Villa-Rica.

Tudo lhes sorria; a posição topographica de Minas, o descontentamento do povo, o enthusiasmo que reinava entre elles, e a esperança de auxilio dos Estados-Unidos.

Os seus projectos erão os seguintes: — republica federativa de Minas com as capitánias que se lhe aggregassem: — estabe-

lecimento de uma legislação propria, em cuja confecção Alvarenga já empregára dous annos: — fundação de universidade, em Villa Rica; — introdução de artes e manufacturas: — extincção de impostos sobre o ouro; e plena quitação aos particulares da divida da Fazenda publica.

Em seus banquetes, em seus clubs, elles saudavão a Gonzaga como o chefe da futura Republica. Quando tratou-se do emblema a adoptar-se, a poesia veio em auxilio da conjuração; a sua bandeira fingia um Indio quebrando as cadeias que lhe cingião o corpo com a seguinte inscripção — *Liber-tas, quæ sera, tamen....* Era um bello symbolo para esses homens que tentárão arrancar a Portugal a posse de um paiz que o acaso lhe patenteára.

O dia em que devião ser cobradas ao povo mais de cem arrobas de ouro de quintos atrazados foi destinado para a realisação de seus queridos projectos; era um ensejo favoravel: o povo nessa occasião não poderia fugir ao reclamo dos defensores da sua liberdade.

Entretanto Tiradentes partira para o Rio com o fim de comprar armamentos, munições, e ao mesmo tempo prégar a revolução. O intrépido chefe dos conjurados contava com o successo, mas tinha deixado em Villa-Rica quem havia perdêl-os todos.

E de facto, o coronel Joaquim Silverio dos Reis, esperando o esquecimento de suas dividas, e vingança contra inimigos pessoas, no dia 15 de Março de 1789 revelou todo o trama ao visconde de Barbacena, que tinha succedido a Cunha e Menezes no anno anterior ao governo da capitania. O miseravel denunciante mereceu pouca confiança da parte do governador, que adoptou um plano de prudencia, esperando outros indicios.

Em consequencia, elle reunio tropas, e suspendeo no dia 23 de Março do mesmo anno o lançamento da derrama, facto este que causaria grande terror aos conspiradores se por ventura Alvarenga não fizesse reviver entre elles o enthusiasmo um momento arrefecido.

Um facto veio posteriormente confirmar o delator; o Vice-Rei Vasconcellos, a quem Barbacena fizera sciente do occorrido, participou-lhe que Tiradentes se tinha reti-

rado sem passaportes e com um armamento consideravel.

Barbacena resolveo pois prender os criminosos, sem precipitação nem escandalo; cumpria conjurar a tempestade antes que o povo a presentisse.

Logo forão presos 32 compromettidos, em cujo numero figuravão as pessoas citadas como as mais notaveis da conspiração. Uma escolta conduzio essa lugubre caravana ao Rio de Janeiro onde ia ter logar a instauração do processo.

Quanto a Claudio Manoel, as agonias de seus comparsas tinham-lhe sido cortadas por um suicidio. (*)

Os réos forão julgados por desembargadores enviados *ad hoc* de Lisboa, entre os quaes se achava o celebre Diniz Cruz e Silva.

Em 18 de abril de 1792 leu-se a sentença da alçada, que condemnava 11 conspiradores á pena ultima, e exilava perpetua ou temporariamente todos os mais, exceptuando-se sete absolvições.

Era um rigor excessivo cujas consequencias talvez fossem fataes á metropole. O que fez ella? commutou a pena de morte em degredo para a Costa d'Africa, sancionando-a quanto ao Tiradentes, o cabeça da rebelião.

Este marchou impavido para o cadafalso erguido no campo do Rosario: morreo como morrem todos os martyres, sem um queixume, sem um indicio que trahisse a mais leve commoção de sua grande alma. Expirou com a consciencia de seu heroismo.

Os demais conjurados partirão para a Lybia; lá, a ardentia do clima, em breve completou a obra do carrasco. Nos transes da agonia, faltárão-lhe as consolações da familia, as lagrimas dos amigos; em vez de um concerto de gemidos só soárão a seus ouvidos os murmúrios agrestes de uma natureza selvagem.

A razão de Dirceõ não resistio ao ardor de um sólo abrasador, e ás torturas de um amor sem esperanza; antes de baixar ao túmulo, em 1808, tinha enlouquecido.

(*) Os bens deste catão Brasileiro fôrão depois confiscados, e os seus filhos e nettos declarados infames.

Assim acabou a—Inconfidencia de Minas—apunhalada pela delação de Joaquim Silverio; tudo nos leva a crêr que sem essa deslealdade, um feliz successo coroaría o esforço dos campeões da liberdade.

Minas Geraes offerencia em seus sertões uma posição por si mesma defensavel; as tropas Portuguezas contavão em suas fileiras muitos Brasileiros para engrossarem as guerrilhas de Tiradentes, e a heroica capitania de S. Paulo, o Brasil, não deixarião Minas Geraes empenhar-se só n'uma guerra que tambem era a sua. E quando um povo joga n'uma lucta o que lhe é mais caro— a Independencia—é difficil ganhar-lhe o terreno—sem recorrermos a paizes remotos, sem remontarmos ás antigas éras da historia, ahí estão para proval-o em nosso continente as batalhas de Maipo, de Junin e Ayacucho.

E pois a traição fez o que talvez fosse impossivel ao governo fraco de D. Maria I. Vergonha á memoria do traidor!

A. Lobo.

S. Paulo, 15 de Junho de 1859.

CHRONICA DA ACADEMIA DE S. PAULO.

O anno de 1859 hade ser um dos memoraveis nos faustos litterarios da Academia de S. Paulo.

O espirito dos Academicos que todos os annos, segundo nos mostra a pratica, se dirige de preferencia a um ponto qualquer, este anno são as associações o que lhes merece o primeiro logar (1).

Nove associações litterarias e scientificas, fundadas por estudantes, contão-se hoje nesta Cidade, e todas ellas frequentadas com muita dedicacão.

Além das decanas Atheneo Paulistano

(1) Já tinhamos promptificado este artigo, quando deparamos com a—Revista Artistica—inserta no Correio Paulistano de 15 do corrente, e muito folgamos em vêr que não eramos o unico desta idéa, e que nossa humilde opinião sahindo á luz, já encontrava um forte escudo, onde se apoiaria.

e Ensaio Philosophico, e do Culto á Sciencia e Ypiranga, presentemente funcção o Instituto Academico, Nucleo Litterario, Club Scientifico, Instituto dos Bachareis e Brasilia. E se contarmos as cinco secções do Instituto Academico como funcionando separadamente, diremos treze em vez de nove.

Nunca em S. Paulo houve tanta influencia por sociedades, nem tambem existirão ellas em tão grande numero.

E' isto portanto uma exuberante prova de que o amor ás letras vai cada dia se desinvolvendo e augmentando, e principalmente este anno tem tomado largas proporções.

E não admira que na Academia de S. Paulo, fóco de luzes, cujos raios vão reflectir-se em muitos dos pontos do nosso vasto paiz, se criem associações em grande numero, e que estas sejam sustentadas de coração, quando em quasi todo o Imperio apparece e se desinvolve o mesmo espirito, quer em sentido litterario, ou politico, apresentando-nos assim uma nova aurora de felicidade para o Brasil.

Sómos da opinião d'aquelles que entendem, que as associações litterarias são um dos meios mais faceis e proprios para se adquirirem e vulgarisarem os conhecimentos; assim como as de fins politicos, o que maiores serviços tem prestado ao progresso humano. Não serão precisos grandes desinvolvimentos para proval-o; um rapido olhar sobre as lições que nos offerece a historia é sufficiente para certificar-nos desta verdade. Na marcha constante da humanidade não encontramos um só acontecimento desses cuja memoria jámais se poderá apagar no coração dos povos, e que affectão directamente a causa da civilisação, que lhe não tenham precedido as associações.

Ahi está a revolução Franceza, esse quadro soberbo onde se desenhão as maiores sublimidades a par de algumas atrocidades,—o passo mais agigantado que tem dado a humanidade para a realisação de sua felicidade, que brilhantemente prova o que havemos expendido.

Como este muitos outros factos poderiamos apresentar, que mostrassem a veracidade de nossa asserção; mas o estreito

circulo que nos foi traçado, e os limites de uma simples chronica não permitem que nos estendamos muito, e se citamos aquelle de preferencia, foi apenas por ser um dos mais chegados a nossos tempos.

E' pois, convencidos desta verdade, que sentimos vivo prazer em vêr o fervor do espirito de associação que reina presentemente, e que o saudamos como um dos factos da Academia, que hade marcar uma época digna de ser lembrada.

Permitta Deus que esse fervor não diminúa, e que o frio da descrença ou indifferentismo não venha fazer definhar tão bellas esperanças concebidas.

Não temos dados positivos sobre todas as sociedades, que enumeramos, por isso não nos podemos alargar muito noticiando sua existencia; apenas nos é permittido dizer que ellas tem seguido á risca o pensamento de sua instituição, o que é uma segura garantia de sua duração, e por consequencia da victoria da causa que defendem. Demais, não nos compete agora historiar a vida dessas sociedades, outros já o fizeram, e sómente apontamolas para provar o nosso juizo a respeito do espirito da época. Assim nos limitaremos a dizer algumas palavras sobre duas, uma porque a pouco foi que principiou o tomar todo vigor e desinvolver seus recursos, e a outra porque acaba de apresentar-se na scena publica, estando portanto debaixo do dominio desta chronica: — fallamos do Instituto Academico e da Brasilia.

O Instituto, cujo pensamento partio de um homem sinceramente dedicado a seu paiz, e amante de seu progresso, o Illm.º Sr. Dr. José Tell Ferrão, que desprezando qualquer prejuizo social, não trepidou em apresentar a mão de amigo aos estudantes, e não poupando esforços realisou finalmente a sua idéa, o Instituto, digo, acha-se prestando relevantes serviços á mocidade estudiosa; suas cinco secções já trabalham regularmente apresentando resultados bem proveitosos.

Até os fins do mez passado só trabalhavam as secções do 2.º, 4.º e 5.º anno, sem que se tivessem reunido as do 1.º e 3.º As noticias porém dos resultados colhidos não só fizeram reunir as duas

citadas secções, como ainda chamarão grande numero de membros para as outras, mesmo muitos que tinham a principio combatido a idéa.

E nem podia deixar de ser assim, os auxilios que suas discussões prestão ás sabbatinas, e ainda mais as bases solidas, em que fazem firmar os conhecimentos das materias de aulas, necessariamente havião de chamar a concorrência.

Inuteis se tornão outras considerações a respeito desta sociedade, as poucas que fizemos, o que d'ella se tem dito é bastante para provar a sua utilidade, e mostrar o progresso que tem tido; assim passaremos á Brasilia.

O dia 21 de Maio vio raiar uma nova luz em nossa senda litteraria, mais um combatente na arena scientifica.

A Brasilia Paulistana encetou nesse dia sua marcha regular, e veio offerecer a suas veteranas um forte apoio na espinhosa missão que tomárão sobre seus hombros.

Fundada por alguns membros que se desligárão do Culto á Sciencia, ella não se dedica a materias especiaes, o objecto de seus estudos é o de tantas outras já creadas.

Fazemos sinceros votos para que ella possa attingir o fim a que se propõe, e que seus esforços sejam coroados de gloria.

Bastantemente já temos dissertado sobre Associações, e não desejando alongarmo-nos muito, trataremos agora dos outros pontos de que deve constar esta chronica.

Um facto inteiramente novo dêo-se na Academia nos fins do mez proximo passado. Pela sentida morte do Exm.^o Sr. Dr. Gabriel ficou vaga uma cadeira de Lente Substituto, e segundo os novos Estatutos o preenchimento dessas vagas é feito por concurso; assim nos dias 20, 23 e 28 de Maio tiverão logar as provas oraes e escriptos dos oppositores dessa cadeira os Srs. Drs. Antonio Carlos de A. M. e Silva e João Theodoro Xavier de Mattos. Tendo sido ambos approvados, sómente da escolha do Governo Geral depende a nomeação do novo Lente, e Deus queira que ella não fique retar-

dada, a fim do escolhido entrar logo nas funcções de seu digno magisterio.

Outro concurso teremos brevemente para uma segunda cadeira de Substituto que se acha vaga. Tirárão ponto no dia 30 do passado como concorrentes os Srs. Drs. Clemente Falcão de Sousa Junior, e Francisco Justino Gonçalves de Andrade.

Ainda uma vez este anno—no dia 9 do corrente mez—cobrio-se de gallas á Faculdade para decorar com os louros do ultimo grão Academico ao Sr. *Bacharel* Balthasar da Silva Carneiro, que havia defendido theses em Abril.

E mais defezas de theses teremos ainda em breve tempo.

Tem sido na verdade um tanto numerosa ultimamente a concorrência para o grão de Doutor. E' isto uma prova de que elle não é tão desapreciado como querem alguns, e ainda mais um incentivo para que o Governo reforme nesta parte os Estatutos, pois ninguem ignora os inconvenientes que trazem as repetidas defezas de theses durante o anno lectivo; o que por certo não aconteceria se as nossas Faculdades de Direito fossem neste ponto equiparadas ás da Medicina.

Em consequencia da aposentadoria que lhe foi concedida váe S. Ex.^a o Sr. Dr. Anacleto J. R. Coutinho deixar a Cadeira de Direito Ecclesiastico que ha 25 annos occupa na Academia.

No entretanto os Estudantes do 2.^o anno ficaraõ bem compensados da perda que vão soffrer: ao Sr. Dr. Anacleto, diz-se, substituirá o Sr. Dr. Martim Francisco R. de Andrada.

Tendo narrado os factos relativos á Academia, que tiverão logar durante o espaço de tempo que nos foi dado para historiar, transportemo-nos agora exclusivamente á Sociedade—Culto á Sciencia—, pois que d'ella cabe-nos principalmente fallar.

As sessões desta Sociedade continuão, como sempre, muito concorridas, e ainda uma só vez não desmentirão os seus membros a dedicação e amor que a ella consagrão e por consequencia ás lettras.

No dia 14 do passado achando-se presentes para mais de trinta socios, entrou em discussão a these de Historia Patria:

— A influencia dos Jesuitas no Brasil foi prejudicial, ou util?

Encetou a discussão o Sr. F. C. de Abreu e Silva, que, apoiando-se em diversos argumentos, decidio-se pela utilidade d'aquella influencia.

Tomando em seguida a palavra o Sr. J. J. Vieira de Carvalho, apresentou ainda muitas razões, nas quaes se fundava para concordar com a opinião de seu collega, que lhe tinha precedido.

O Sr. G. Mancebo Junior subindo á tribuna declara não poder concordar com seus collegas, e julga, apresentando algumas razões, que todo e qualquer bem praticado pela Companhia de Jesus no principio de seu estabelecimento no Brasil, desapparece inteiramente á vista dos ultimos factos que se dêrão antes de sua expulsão.

Oppõe-se a esta opinião o Sr. F. Rangel Pestana, e combate-a com fortes argumentos.

Finalmente o Sr. Abreu e Silva toma de novo a palavra para responder a alguns topicos do discurso do Sr. Mancebo.

Terminada a hora foi a these julgada sufficientemente discutida.

Nas sessões de 21 e 28 achando-se tambem reunido grande numero de socios, foi discutida a seguinte these de Philosophia:—Quaes são as relações de Deus para com o tempo? Deus está sujeito ao tempo, ou fóra d'elle? isto é, Deus tem presente, passado e futuro, ou só presente?

Tomou em primeiro lugar a palavra, como proponente da these, o Sr. M. de A. Tostes, que opinou por condicionalidade de Deus para com o tempo.

O Sr. E. B. de O. Itaquy não concorda com este peusar, e entendendo inteiramente o contrario, apoia-se em muitissimos raciocinios.

Tanto n'uma, como n'outra sessão ainda orárão os Srs. F. C. de Abreu, P. de A. Leite e M. P. S. Arouca, os primeiros opinando pelas idéas do Sr. Tostes, e o ultimo pelas contrarias.

Finalmente na sessão de 11 do corrente foi posto em discussão o systema do Communismo.

Orárão contra o Sr. L. F. de Brito

Junior, e a favor os Srs. Arouca e Araujo Leite.

Este pequeno esboço póde apenas mostrar a influencia que tem havido nas discussões de nossa Sociedade; no entretanto julgámol-o sufficiente para anniquilar todos os ditos que contra nós se tem pro-palado.

Temos íntima convicção de que a Associação—Culto á Sciencia—hade continuar sempre assim marchando para o conseguimento de seus fins, e que todos os obstaculos que contra ella se tente levantar serão ephemeros, cahirão por si mesmos.

O 2.º numero do nosso jornal já sahio á luz, e permittisse Deus que elle fosse mais bem recebido que o primeiro, ou por outra, que o espirito de critica pouco benevola levantado contra elle na Academia (fallamos em geral) tenha abrandado um pouco suas íras.

Como quer que seja, fiéis ao nosso programma, proseguiremos sempre com coragem e resignação.

S. Paulo, 14 de Junho de 1859.

F. C. de Abreu e Silva.

LIGEIRAS IDÉAS DE ALGUNS FACTOS DA IDADE MÉDIA.

A humanidade nunca interrompe a sua marcha.

A historia nol-a mostra caminhando e caminhando sempre, porque ella tem de cumprir a lei do aperfeiçoamento que recebeo das mãos de seu divino Creador. Em sua marcha ella parece algumas vezes rebelde ao cumprimento deste destino, porém n'isto mesmo cumpre os designios da Providencia.

E' nas ruinas dos imperios, desaparecimento das raças, e nas grandes revoluções politicas que recebeo mais vida, e cobra novas forças para proseguir mais firme em seu caminhar. Ella não impallidece no meio d'esses nevoeiros que a cobrem senão para mostrar-se mais

brilhante em seu novo apparecimento.

Foi por isto que a Grecia, herdeira da civilisação oriental, não pôde permanecer por mais tempo no fastigio de sua gloria.

Sugeita como parte da humanidade á lei inviolavel que tem de cumprir, ella desceo d'essa altura eminente para ceder á Roma os seus ricos despojos.

Mas a Senhora do mundo, máo grado a sua grandeza e orgulho, estava por sua vez sugeita á mesma lei; devia, como a Grecia, esperar a sua quéda. Esta já era para o mundo uma grande necessidade, porque funestos lhe serião os resultados d'essa grandeza, se ella continuasse.

Era mister por tanto que Roma percesse, e que percesse aos golpes das hordas de barbaros sahidos das selvas Germanicas, porque lá estava plantado o christianismo, que podia degenerar-se ao contacto de sua população já corrompida. Não era possivel que o christianismo, cuja existencia era para a humanidade mais preciosa que a de Roma, podesse produzir seus beneficos resultados debaixo da dominação d'esse povo, em cujas veias já não corria o sangue nobre dos heroes da republica, degenerados que olhavão com indifferença para as suas estatuas, e offerecião incenso nos altares da immoralidade. Instituído para altos fins, elle necessitava para realisal-os de corações mais justos, porque uma religião nova, como diz Chateaubriand, necessita de um povo novo.

Esses corações elle encontrou-os no peito dos barbaros que o abraçárão apesar de suas crenças, e dureza de seus costumes.

Victoriosa da encarniçada perseguição dos imperadores romanos, dos sophistas e hereges que se levantavão furiosos de todas as partes, a nova religião foi o pharol que guiou a humanidade no caminho da civilisação, e mostrou-lhe emfim o seu destino, não só n'esta, porém tambem na vida Eterna. A' ella deve o mundo a sublimidade do drama que representamos hoje.

Mas apesar do christianismo, a invasão dos barbaros, incapazes de organisar por

si uma nova sociedade, seria para o mundo de mui tristes consequencias se elles lá não encontrassem alguma cousa, que ainda restava da Roma dos Cincinnatos e Camillos. Sua cerviz, que não dobrou-se ao jugo de bem disciplinados guerreiros, curvou-se depois ao imperio do genio. Lá elles encontrarão ainda puras as sabias leis, as tradições d'um povo soberano, todos os elementos emfim d'uma bem organizada sociedade. Roma, vencida, ainda teve a gloria de dominar pela sua sabedoria os vencedores, como outr'ora lhe fizera a Grecia nos ferros da escravidão.

Eis então travada uma luta renhida entre a barbaria dos povos do Norte, e a civilisação cadente do Meio-dia.

O campo da peleja não podia recahir sobre outro melhor, porque o sólo romano parece destinado a ser o theatro de grandes scenas da humanidade.

Mas os resultados dessa oscillação, que fez estremecer a Europa como uma revolução physica, não podião immediatamente apparecer, porque difficil era a liga dos elementos tão diversos que se chocavão. Pelo contrario, primeiro que voltassem do terror que se apoderou de todos, era o resultado immediato o entorpecimento do espirito, e por consequencia o atrazo de tudo.

E pois as lettras, que quasi sempre dominão, mas que infelizmente cedem ás vezes á força bruta, e até ao rigor do clima, ficarão quasi inteiramente aniquiladas no grande cataclisma da invasão.

Despresadas por todas as outras classes, ellas só encontrarão refugio no fundo dos claustros, que nunca fecharão os braços para recebê-las, não por amor á sciencia, porém porque n'ellas encontrão o mais forte instrumento para a consecução de seus fins. Cobertas de fanatismo, amoldadas ao geito que convinha aos excessos do Vaticano, ellas difficilmente poderão libertar-se desse jugo tão contrario á nobreza de seu character.

Felizmente, mais depressa do que se devia esperar appareceo a reacção contra esse estado de cousas, porque novas revoluções se preparão para erguer de suas cinzas o edificio que destruírão os barbaros.

Então a humanidade, dirigida pelos grandes genios que vão apparecer, começa a libertar-se da vil degradação á que parecia condemnada; porque aos grandes talentos competem os seus altos destinos, visto que nada pôdem por si massas de povo ordinariamente brutas. Uma nação até ali esquecida — Arabia — apparece em scena para mudar a face das cousas, representando um importante papel no grande drama que vai novamente apparecer. Mahomet, homem de grandes talentos, distincto philosopho e profundo politico, destroça os idolos de Kaab, proclama a unidade de um Deus, e institue um só culto no meio das religiões grosseiras de sua patria. Mahomet, que se inculcava propheta enviado de Deus, impõe aos Arabes, depois de longas fadigas, a obrigação de propagar com a espada a nova crença, essa mesma que elles haviam recebido pela espada nos campos de Hood, e de Medina.

Fanatisados, a final, por essa religião que a principio despresarão, não trepidarão diante dos perigos para cumprir aquelle preceito do Propheta. Deixando após de si vastos desertos, onde até então em vez de exercitos só vagavão suas grandes caravanas, os Arabes começam essas longas guerras que denominavão santas.

Os preceitos do Al-Corão, que não era sómente uma collecção de dogmas religiosos, senão tambem um código civil e militar, mudarão a indole d'esse povo, fazendo-o, de pastor, um povo civilizado, guerreiro e conquistador.

Abou-Bekr, o primeiro que recebeu a dignidade de kalifa (que era o nome dos successores de Mahomet) deo começo á guerra pela conquista da Asia, onde muitas nações bem depressa cahirão debaixo de seu dominio. Animados por tão prosperas victorias, continuarão suas conquistas por mais de um seculo, levando suas armas victoriosas desde o Indo até os Pyreneos, e tocarião mesmo as praias do Baltico, se Abd-El-Rahman, distincto kalifa, não encontrasse na França a espada valente de Carlos Martello. Então todas as provincias meridionaes do imperio romano, á excepção de Constantinopla, que já tinha escapado por seus artificios á sanha ger-

manica, fôrão presa d'esta invasão, cujas consequencias lhes fôrão tão beneficas, como para toda a humanidade.

Tarik, atravessando o Gibraltar, ganha sobre D. Rodrigo a celebre batalha de Xerez que lhes dêo a posse da Hespanha, onde fundarão mais tarde um poderoso imperio, de que fôrão depois despojados pela descendencia d'quelles que, sobrevivendo á batalha, refugiárão-se com D. Pelaio nas montanhas da Cantabria, Cairo, Bagdad e Cordova tornárão se successivamente o centro de seu immenso poder, e bem depressa formou-se um vastissimo imperio, creado sómente por uma causa toda religiosa.

Mas não é a essa religião, mesclada de erros, senão aos resultados da conquista que directamente deve a humanidade os seus desenvolvimentos, porque tão alta missão já estava reservada, e exclusivamente ao christianismo.

Diversa da dos barbaros, era a causa que impellia os Arabes de seu paiz, e diversos fôrão por consequencia os resultados da conquista. Mais humanos que os barbaros, elles não conquistavão senão com o fim de propagar a sua crença, e longe de opprimirem os conquistados, concedião-lhes seus privilegios desde que a tinham abraçado.

Esta invasão foi pois o luzeiro que partio do Sul para tirar a Europa das trévas em que a tinham sepultado os barbaros da Germania. Tudo com ella mudou de face nas provincias dos tres antigos continentes, que cahirão debaixo de seu poder.

Não tardou que ellas, até alli pela maior parte incultas, se transformassem em bellissimos campos, cobertos de magnificos jardins, e soberbas cidades.

Mas não é isto, nem o augmento da população, senão a cultura da intelligencia que distingue esta invasão. As lettras, que quasi perecêrão no grande cataclisma da invasão germanica, surgirão cobertas de gloria nas innumeraveis universidades que elles fundarão, entre as quaes se celebrisárão as de Cordova e de Granada, d'onde sahirão Averróes, Avicenne, Al-Forabi, e outros grandes mestres, que fazião honra não só a esse

povo, como também ao seculo em que viverão.

Filhos dedicados da sciencia, fôrão elles beber nos livros gregos a philosophia de Aristoteles, a medicina e outras artes e sciencias que ignoravão ou imperfeitamente conhecião.

Ensinando pois todas estas sciencias com outras, como a algebra, que trouxeram consigo, os Arabes levárão os conhecimentos humanos a um ponto, que parece superior ás circumstancias, ao povo, ao seculo. Assim veio este povo dar um grande impulso á civilisação, principalmente Européa, que talvez sem o seu auxilio não podesse apresentar nos seculos que se seguirão, um tão espantoso desenvolvimento.

Mas, apesar disso, não era só bastante esta revolução, para mover o grande machinismo social.

Em quanto no sul estavam ainda em braços com a conquista os vigarios de Mahomet, no Occidente, uma outra revolução se opera, que benefica influencia exerceo também nos destinos humanitários.

Movida pela mesma causa, porém mais nobre, ella trouxe para a humanidade ainda melhores resultados: ainda era a religião a sua causa, porém a religião do Missias.

(*Continúa.*)

S. Paulo.—Junho de 1859.

Maximiano de Sousa Bueno

O HOMEM.

Dedicado ao meu amigo e collega o Sr.
F. C. de Abreu e Silva.

O mais perfeito dos seres creados, a ultima expressão da Sabedoria Eterna, o homem, é bem infeliz neste mundo.

A sua vida é uma cadêa quasi contínua de soffrimentos.

Se acompanhardes essa cadêa que une

um berço á um tumulo, vereis que quasi todos os seus élos assignalão uma phase de soffrimentos para o homem, que elle começa a sua peregrinação no dia em que entra neste mundo e que só a termina quando resvala nas bordas do tumulo.

No seu nascimento é o animal mais miseravel que se pôde imaginar, pela sua fraqueza. Elle marca o primeiro momento de sua existencia com um profundo vagido, que bem manifesta a dôr que lhe causa a entrada repentina em um mundo, cujo clima é tão diverso ao d'aquelle que foi a sua primeira habitação.

O momento do seu nascimento seria também o termo de sua existencia, se os cuidados dos seus progenitores não fossem tão promptos em guerrear a natureza que se ergue terrivel para devoral-o. Morreria ao nascer, se ninguem o soccorresse, por que elle não vêm, como os demais animaes, munido de armadura adequada para repellir tantos e tão variados ataques que lhe faz a natureza.

Então a sua vida seria tão rapida como a luz do relampago, que brilha e desaparece repentinamente atravez d'essas nuvens negras que annuncião a tempestade. Nem teria a felicidade de vêr, como os animalejos das margens do Hypanis, o sol erguer-se no oriente e inclinar-se para o occidente.

Seria como a flor que estende com o favor da briza da noite as suas delicadas pétalas para depois mirrar-se ao pezo dos ardentes raios do sol.

Mas, se o homem, devido aos cuidados de alguém que por elle se interessa, consegue cantar victoria sobre os inimigos que tentárão esmagal-o em sua infancia, é só para começar outra campanha de soffrimentos de uma nova especie; porque então elle toca á segunda quadra de sua vida.

Logo que elle transpõe o limiar da sua segunda idade é batido por um tropel de paixões desenfreadas que lhe inflammão o coração e lhe perturbão a mente.

Suscita-se então entre as impressões ardentes que affectão o seu coração e as

perturbações do seu espirito uma questão de tal sorte incomprehensivel, que só depois de longos debates é que apparece a verdade do que diz Bossuet n'estas simples palavras — o coração humano tem suas razões que a razão mesma não pôde comprehender.

O homem (ninguem ousará negar) tendo sua mente povoada por seres phantasticos, occupando-se mais com os sonhos poeticos que dourão a sua imaginação, não pôde comprehender os segredos de seu coração; soffre, sem saber, ás vezes, qual é o motivo que o faz soffrer. Em seu devanear contínuo, elle precisa, como na sua primeira idade, de um mentor que dirija os seus passos incertos a fim de que não se precipite no abysmo cavado pelas suas proprias paixões.

A's vezes, elle é o poeta que firmando-se nas azas de uma imaginação viva e ardente vai arrancar da corôa do Eterno um raio para enfeitar a grinalda que tem de ser offerecida ao objecto da sua predilecção. Outr'ora elle é a victima da mais terrivel ingratidão, que precisa de um silencioso retiro para ali ruminar as tristezas e os dissabôres que angustião sua alma.

Emfim, assim como depois das grandes tempestades que agitão o mar apparece a bonança, chega tambem para o homem a calma e a reflexão.

Elle ouve apenas os ultimos roncões da tempestade que foge, quando já se sente em baixo de um ceo calmo e sereno.

E' a sua terceira idade que acaba de alvorecer no horisonte da vida.

N'esta phase da vida o homem ainda é acompanhado de paixões; estas são diversas d'aquellas que o atormentarão em sua segunda idade.

Aqui, elle é affligido pelo amor da gloria, da patria e do ouro, concebe planos gigantescos, cuja realisação sendo difficil motiva-lhe grandes soffrimentos. Deseja fazer bem á sua patria; porém encontra obstaculos; vê que as suas intenções são mal traduzidas pelos seus antagonistas. E' trahido, ás vezes, pelo seu maior amigo, a quem elle havia confiado

todo o segredo do seu coração, e dedicado toda a sua sympathia. Então que magoas, que pezar elle sente, quando vê prostituido o sentimento da amizade que é o mais bello e mais sublime do coração humano.

Uma nuvem de tristesa paira sobre o seu semblante que é então o quadro representativo do que sente a sua alma. Emquanto elle cabisbaixo, collocado nesta sinistra posição medita sobre as contrariedades que acompanhão os seres contingentes, sente uma grande fraqueza em seus membros, nota que as suas forças estão quasi exauridas. Então como aterrado pela grande differença que nota em si, levanta de repente os olhos para o firmamento da sua vida, e vê que o astro da sua existencia já tomba para o seu occaso. Quam triste não é para elle esta idade! tem as suas forças enfraquecidas como na infancia; acha-se muitas vezes accumulado de achaques. Sente-se nos ultimos quarteis da vida, e não tem a menor esperanza de retardar o astro da sua existencia, que está quasi a occultar-se na extrema do horizonte que elle lobriga.

Atormentado de horriveis soffrimentos martyrisado, ás vezes, pela lembrança de um passado inglorio para elle, para a humanidade e para Deos, e fatigado com a sua extrema fraqueza, elle já nas vascas da morte diz com uma voz demorada e trémula—o homem é bem infeliz neste mundo, e resvala, ao proferir estas palavras, nas bordas do tumulto, tendo formado uma cadêa quasi contínua de soffrimentos.

Pedro de Araujo Leite.

S. Paulo, 16 de Maio do 1859.

A QUEBRA DO JURAMENTO.

(Conclusão.)

IV.

Na ampulheta do tempo tres annos se tinhão escoado depois que Eduardo houvera deixado sua amante, e elle vol-

tava agora cheio de amor e esperanças — julgava ter finalmente soado a hora da realização de sua felicidade.

O juramento da virgem de seus sonhos fôra o phanal que o guiára no tormentoso da peregrinação, a unica idéa que lhe fizera pairar um sorriso nos labios, uma esperanôa no coração, uma luz em seu futuro!

E quantas vezes não víra o mancebo quasi sumir-se essa luz e pallida, vacillante apagar-se ao sopro do vendaval.

Quantas vezes não sentira elle uma idéa horrivel requeimar-lhe o cerebro, penderem murchas as flores do coração?

No céo — quando negras nuvens o cubrião, quantas vezes víra espelhar-se a luz dos relampagos, sua amante em braços d'outrem.

E lá no meio do oceano em noute de tormenta — quando as ondas, alevantadas pelo furacão, querião quebrar de encontro ás nuvens o batel que o conduzia, quantas vezes nos antros que então a seus pés se abrião, víra o mancebo desenhar-se lívidas frentes, funereas eças, allumiadas pelo baço clarão de alampadas!

Mas se o furacão applacava, se o céo se azulava, e a lua apparecia, de sua mente voavão os espectros, e a felicidade apontava-lhe no manto prateado da rainha da noute linda virgem a fallar de amores, pelos labios deslisando-se juras de constancia.

E assim seu peito palpitava de esperanças.

Mal chegára a terra de seus canticos saudosos, a primeira idéa do moço foi correr aonde estava o seu anjo — Laura — essa mesma Laura, que lhe jurára um amor eterno, constancia infinda, e a quem elle amava mais que tudo, — que Deus talvez!

.....

Serena ia a noute, no céo scintillavão as estrellas; para o lado do oriente porém pequena nuvem se divisava.

A terra parecia morta, — seu silencio era apenas quebrado pelo monótono batter das vagas nas praias além.

Chegando perto da alameda — esse logar

onde já fôra tão feliz e julgava sê-o de novo agora, Eduardo sentio despedaçar-se-lhe o coração, uma saudade bem triste passou-lhe dentro d'alma, e um suspiro queixoso veio morrer-lhe á flor dos labios.

Os salseiros jazião quebrados no chão, — raras e já seccas havião ainda algumas arvores, despidas de folhas, os galhos despedaçados.

As ramagens em que se occultára outr'ora havião todas desaparecido, — dir-se-ia que por alli passára desvairado o genio da destruição.

Saudosos e tristes crão os gemidos da fonte a perpassar nas pedras.

A janella, que ouvira o juramento, estava fechada. e o signal convencionado n'aquelles tempos de amor foi dado em vão.

Ah! não, não vive mais aqui, disse comsigo o pobre mancebo, não, o brilho de seus olhos, a belleza de seu semblante darião vida a estes pobres arbustos, e a força de seus attractivos impedirião a acção do tempo, a mão do homem; — sua constancia a faria vir est'hora aqui lembrar-se de mim, — da noute de nossa despedida.

E elle angustiado n'aquella incerteza correo até a frente da casa, — talvez que lá encontrasse alguma cousa que lhe minorasse a ancia, algum signal, que fizesse revellar a Laura sua vinda.

E chegado que foi a frente da casa, seus olhos obumbrarão-se com luz que se expandia das janellas, e, como uma aparição do ceo, uma pessoa descia os degrãos da porta.

Era a mesma que entregára outr'ora a Eduardo a carta de Laura.

Laura? perguntou-lhe o moço.

E um sorriso triste foi a unica resposta.

Laura? Laura? disse-lhe que emfim cheguei!

O mensageiro meneou tristemente a cabeça, e depois de alguma pausa murmurou — segui-me.

E machinalmente Eduardo acompanhou o seu guia.

Junto de uma igreja parou elle e apontando com o braço disse — lá dentro, e desapareceo.

O mancebo sentio o sangue irregellar.

se-lhe nas veias, um presentimento brotoulhe) no peito, e pela mente lhe passarão todas as torturas de uma decepção, mortas todas as esperanças da vida.

O animo pareceo desamparal-o; mas a exasperação deu-lhe forças, de um salto elle transpoz o portico sagrado, suas vistas penetrarão todo o interior, e... suas pernas cambalearão — elle cahio desfallecido.

A cerimonia de um casamento tinha então logar.

No altar uma virgem com vestes de noiva dava a mão de esposa a um moço de olhos azues e loiro, e recebião as benções do sacerdote.

Grande porção de convivas assistião a festa nupcial.

E a nuvem, que a pouco se divisava, escurecendo uma pequena parte do ceo no Oriente, tinha tomado todo o horizonte, e já ao longe ouvia-se o surdo ruído da ventania.

Ligeiro fôra o desfallecer de Eduardo, mal se podera suster de pé, correu como um louco direito ao altar.

Seus passos arrebatados, echoando nas paredes mudas do templo, onde só se ouvião os psalmos dos sacerdotes, chamavão a attenção e em um momento todos voltarão-se para elle.

Os cabellos irrissados, na fronte impressa a pallidez de um cadaver, os olhos dardejando scintellas de fogo, as vestes em completo desalinho, davão ao moço um aspecto medonho.

Mal o avistára a noiva alçou os braços, quiz fallar e não pode, deu um grito e cahio desmaiada.

Immensa foi a confusão que reinou na casa do senhor.

Todos correm a desfallecida, e primeiro o noivo acode á sua amada; porém Eduardo, que n'esse momento chegou ás escadas do altar, com a rapidez do relampago, se antepõe á sua passagem.

Ouvio-se então o estalar de uma bofetada; mas a lamina de um punhal, reluzindo a luz tremula dos cirios, fez pender livida a fronte do moço de cabellos loiros.

E n'um gemido profundo ainda elle exprimio um nome e expirou.

Ao som do baque do corpo a moça

ergueu a cabeça semimorta, seus olhos sobrepujando das orbitas lançarão em roda um olhar assombrado, e repentinamente livrando-se dos braços que aprenhão, foi cahir de joelhos junto ao cadaver sangrento que jazia por terra.

Aquelle collo de anjo, que ainda a tão pouco realçava entre as vestes nupciaes, vergou-se ao peso da dôr; mas como que opprimida por uma idéa horrivel, ella levantou-se, levou as mãos á fronte, todo seu corpo estremeceo convulso, e do peito lhe partio uma risada estridente — ella tinha enlouquecido.

Perdidal louca! exclamou Eduardo com uma voz horrivel e desesperada; e sumio-se por entre a multidão.

N'esse momento o trovão rolou nos ares e a tempestade cahio sobre a terra.

.....
.....
.....

O moço loiro era o embuçado da capella.
A noiva a virgem do juramento.
E ella o havia quebrado!

F. C. de Abreu e Silva.

S. Paulo, 1859.



POESIAS.

SUA VOZ.

Corri d'este á aquella monte,
Reclinei-me junto á fonte
Que murmura lá sosinha,
Escutei-a bem attento
A rolar entre as pedrinhas...
Que doçura !...
Mas tão pura
Como a voz sua não era !

Que voz tão sonora ! Que doce harmonia
Traz ella á minha alma, quando ouço-a nos sonhos,
Si dado mi fosse gozal-a assim sempre
Serião meus males prazeres risonhos !

Serião mil annos um breve momento
Passado ligeiro n'um céo de delicia ;
Um Eden o mundo, e chiméra seus monstros ;
Um riso o passado de amor sem malicia !

Por ella vencido seria esse Augusto !...
As feras bravias que vivem frementes
Com olhos vidrados p'los filhos nos antros,
Por ella de amor viverião dormentes!

—
Dos anjos o choro não tem mais doçura,
Não tem mais encantos a voz da poesia !
O Deos poderoso seu throno deixando,
P'ra ouvil-a assim sempre mortal se faria !

—
Ouvindo seus quebros não sei o que sinto,
Não sei si com extasi pulsa meu peito,
Não sei si dormindo, não sei s'acordado
Me deixa ficar o seu magico effeito !

—
Dos anjos o choro não tem mais doçura !
Não tem mais encantos a voz da poesia !
O Deos poderoso seu throno deixando,
P'ra ouvil-a assim sempre mortal se faria !

Paulicéa, 13 de Agosto de 1859.

Manoel Pereira de Sousa Arouca.

MEU SEGREDO.

Se soubesses, meu amor,
Qual a causa desta dôr,
Desta profunda afflicção,
Que o coração me devóra,
E o meu viver d'outr'ora
Me rouba do coração !

Se soubesses, virgem querida,
A imagem que na vida
Os meus sonhos divinisa,
E apparece-me formosa,
Como nuvem vaporosa
Que no azul do ceo deslisa !

Me darias com fervôr
Teu mais ardente amôr,
E sempre um teu sorriso
Me darias de ventura,
Que a minha desventura
Se tornasse um paraíso.

Em silencio me dirias
Que em teu peito tu sentias
Renascer tambem a flôr
De perfumes aromada,
E aos raios mui córada
Pelo sol do meu amôr.

Que teu peito não tremêo,
Nem um ai !... elle gemêo
Por alguém sequer na vida,
Que sentiste suspirar
Invocando um teu olhar
A' existencia dolorida.

Mas, perdôa-me, donzella,
O meu peito não revella
O segredo, que presinto,
Que comigo adormecido
Acabará esquecido
Lá dos mortos no recinto.

S. Paulo, 24 de Maio de 1859.

I. A. de Barros Junior.

VI.

.....

Dos cabellos seus á sombra
Vi poisar meu coração
Fatigado
Já crestado

Pelo fogo da paixão !
Favonio então lhes beijava ;
E eu por elles suspirava
Com ciumentos disvellos
(Pois beijal-os eu quizera) !

Meneava este os seus cios
Com brandura,
Tal ternura

Que amar o julguei tambem !

Dezembro de 1856.

Manoel Pereira de Sousa Arouca.